

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º 4 entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 529	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte. m. forte)	3,800	1,900	950	120	I DE SETEMBRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4,500	2,250	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5,000	2,500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Inauguração solenne do telegrapho submarino ligando o continente aos Açores, regata em Paço d'Arcos, a festa do Senhor da Serra, e os cyrios da Atalaya, eis os principaes acontecimentos, as principaes festas da ultima semana, e para justificar o velho porverbio de que não ha fome que não dê em fartura, os lisboetas que tem tantos e tantos dias de insipidez sem um unico acontecimentinho, que os divirta, apanharam estas festanças todas no mesmo dia.

O ultimo domingo de agosto foi para Lisboa aquillo que se chama a valer:—um dia cheio!

E, como todas as grandes festas, esse domingo teve vesperas e complets.

No sabbado, durante todo o dia, Lisboa desentranhou-se em cyrios, com as suas imagens ricamente vestidas, envoltas em setim, em sedas, em rendas, em joias, os seus anjinhos vergando ao pezo dos grilhões d'ouro e das grandes arrecadas, as suas virgens esguias, macilentas, de palmito e capella como se em vez de irem para a Aldeia Gallega fossem para a cova, com as suas irmandades alegres e folgasans, os seus festeiros de registo no chapéo, as suas philarmonicas atroadoras e desafinadas, os seus foguetes festivos, estourando alegremente por sobre as ruas da cidade, atravez dos echos do rio, até á famosa Atalaya, cheia de sol, de bandeiras, de algazarra e de pipas de vinho.

N'esse mesmo dia, ao cahir da tarde, quando as fragatas carregadas de cyrios iam ainda a meio do rio, cá em terra nos bairros ovarinos, começavam a armar-se os vistosos carros patucos que, noite fechada deviam partir para Bellas, pelas estradas antigas, em ruidosa e galhofeira romaria, completamente alheia ás innovações do caminho de ferro, que só servia então no domingo para

os pacatos, para os commodistas, mais para mirões do que para festeiros propriamente ditos.

E na segunda feira em Bellas havia ainda os restos da festa da vespera, o levantar do arraial no Senhor da Serra e em Lisboa, ao entardecer desembarcavam no Terreiro do Paço e no Aterro os cyrios ainda prociSSIONalmente, mantendo a linha espectacular, mas com os irmãos afogeados pela torreira do sol d'esses dois dias, com os anjinhos estafados, moidos, as philarmonicas mais desafinadas ainda do que para lá foram, foguetes a estourarem mas já a grandes espaços, sem animação, sem galhofa, sem alegria, a estourarem como que por honra da firma, como quem diz «era bom mas acabou-se.»

As outras duas festas d'esse domingo excepcionalmente festivo na vida de Lisboa não tiveram

vesperas nem complets: principiaram e acabaram no mesmo dia.

Uma d'essas festas teve um alcance muito maior, representou um enorme melhoramento na vida portugueza, a ligação telegraphica de Lisboa ao archipelago dos Açores, e d'essa festa se occupa hoje o OCIDENTE, n'outro sitio, em artigo especial.

A regata de Paço d'Arcos promovida pela Real Associação Naval, foi muito concorrida e animada, ganhando o primeiro premio na 1.ª corrida a *Perle*, do sr. Henry Bonout e na 2.ª a *Adelle* do sr. Augusto Moniz.

El-Rei D. Carlos assistiu a bordo do seu vapor *Amelia* a parte da regata, seguindo depois para Carcavellos a presidir á inauguração do Cabo Submarino.

A noite houve em Paço d'Arcos, no club dos banhistas, um baile em honra da Real Associação Naval, baile que esteve muito animado e muito brilhante.

E assim se passou o domingo 27 d'agosto de 1893, que pela quantidade e das festas se deve marcar entre os domingos mais divertidos da vida lisboeta.

Mas nem tudo é festa na vida e por isso temos que abrir n'esta nossa chronica d'hoje um parenthesis triste, para uma noticia luctuosa, a noticia da morte d'um homem honrado, intelligente e trabalhador, que mourejou muito no mundo da imprensa, que viveu na intimidade de muitos dos mais illustres homens de letras e jornalistas, d'esta ultima metade do seculo e que toi agora juntar-se no tumulo a muitos dos seus queridos companheiros, deixando no mundo um nome honrado e respeitado:—o velho typographo e antigo editor,—Francisco Gonçalves Lopes.

Pessoalmente conheci muito pouco Gonçalves Lopes; apenas lhe fallei rapidamente uma ou duas vezes, para justar trabalhos typographicos, ha muitos annos, quando começava a querer vêr em letra redonda o que rabiscava, cheio de ardor e de enthusiasmos, nas folhas de papel que bifava aos meus cadernos de themas; mas se o conheci pouco a elle, conheci muito de perto a maior parte dos livros que elle editou, pois precisamente n'esse tempo



DR. CHARCOT

FALLECIDO EM 18 DE AGOSTO DE 1893

em que eu principiei a accupar-me de litteratices Gonçalves Lopes, era um dos primeiros editores de Lisboa, e editor dos principaes romances de Victor Hugo, com quem Gonçalves Lopes nos ultimos annos, se parecia muito, com as suas barbas brancas e o seu rosto tranquillo e cheio de honomia.

Gonçalves Lopes era o decano dos typographos lisbonenses. Tinha 72 annos: nascera em 1821 e começou a sua vida como typographo na *Gazeta dos Tribunaes* e na *Imprensa Nacional* tendo por collegas o pobre e querido Eduardo Coelho, que já lá vae, e Thomaz Quintino Antunes, hoje conde de S. Marçal.

Amigo e companheiro de Eduardo Coelho, de Vieira da Silva e de Silva Albuquerque, todos mortos hoje, Gonçalves Lopes foi juntamente com elles um valoroso propagador da Associação, e foi um dos fundadores do Asylo dos Invalidos do Trabalho.

Intelligente, activo, honrado, Gonçalves Lopes viveu na intimidade de muitos dos principaes litteratos do seu tempo, e fundou o primeiro jornal de caricaturas que houve em Portugal, o *Jornal para rir*, de que era desenhador o chorado Nogueira da Silva, e redactores Latino Coelho, Mendes Leal, Julio Cesar Machado, Lopes de Mendonça, Rodrigo Paganino, José Castilho, e Xavier Rodrigues Cordeiro.

Mais tarde, Gonçalves Lopes fundou outro jornal satyrico, que teve grande voga, o *Asmodeu*, jornal de que deixou de ser editor no dia em que um caso de *chantage*, que foi muito fallado desacreditou para sempre esse jornal, vindo Gonçalves Lopes honradamente declarar ao publico, que deixava de ser editor d'esse jornal, porque não queria sancionar vilanias com o seu nome.

A morte successiva de todos os seus companheiros e amigos, a morte de Elias Garcia a quem Gonçalves Lopes queria muito, annuiu-lhe os seus ultimos annos. A sua cabeça principiou a desorganisar-se, a cahir em demencia.

A sua mania, era que estava rico, coitado! e gastava todo o dinheiro que tinha, e que não tinha, em comprar passaros e flores.

Dias antes d'elle morrer estive eu com um parente muito chegado d'elle, que me contou com lagrimas nos olhos o estado tristissimo em que estava aquelle espirito, que tão lucido tinha sido.

D'alli a quatro ou cinco dias li nos jornaes a noticia da morte do pobre Gonçalves Lopes, e de que o seu cadaver fôra para o cemiterio todo coberto de flores, piedosa e delicada lembrança d'aquelles que o estremeciam e que quizeram que o seu corpo descesse á terra coberto d'essas flores, que fôram a doce e poetica loucura, que lhe embalou o cerebro nas ultimas horas de vida.

Que descance em paz!

\* \*

Felizmente chegou-nos do Brazil o desmentido d'uma triste noticia, que correu ahí em Lisboa pelos jornaes e que nos puniu profundamente;—a noticia da morte do tenor Gabrielelesco.

Artista distinctissimo, Gabrielelesco é ao mesmo tempo um bello character, um grande coração, e nós, que o conhecemos de perto, temos tanta admiração pelo artista como estima e amizade pelo homem, e a tristeza que nos causou a noticia da sua morte foi compensada agora pela alegria enorme que sentimos ao saber que era falsa essa noticia e que Gabrielelesco estava vivo e já entrado em plena convalescença d'um violento ataque de rheumatismo, que lhe provocou um deliquio em scena, deliquio que deu origem á *galga* que correu nos jornaes italianos.

Diz-se que estas falsas noticias de morte são signaes de longa vida.

Que assim seja, é o nosso sincero desejo.

\* \*

E já que fallámos de Gabrielelesco, vamos fallar tambem d'uma outra notabilidade lyrica estrangeira, muito querida em Lisboa como elle é, e de mais a mais, como elle, roumaica tambem, a Helena Theodorini, a grande cantora que entre nós teve em tres epochas tão brilhante successo, e que em S. Carlos deixou creações genias, que ficarão na tradição do nosso mundo lyrico, ao lado das mais gloriosas, como a da *Gioconda*, do *Chrispim* e a *Comadre*, da *D. Branca*.

Disseram ha pouco tempo alguns jornaes de

Lisboa que a Theodorini estava escripturada para a proxima epoca de S. Carlos e quando os admiradores da illustre cantora se estavam já preparando para a ouvir, vem a noticia de que não a ouviremos em S. Carlos, nem este anno nem nunca mais e pela simples razão de que a Theodorini deixou o theatro pela familia e casou ha quinze dias na igreja roumaica de Paris, com um fidalgo belga.

E é e caso para, dando os parabens á illustre cantora, terminarmos a nossa chronica como terminaram os bons romances antigos:

— Que sejam muito felizes e tenham muitos filhos!

Gevasio Lobato.



## AS NOSSAS GRAVURAS

DR. CHARCOT

A sciencia e a França acabam de soffrer, com a morte do grande medico Charcot, uma perda immensa. E' doloroso ver seguir para o desconhecido, tantos vultos gigantescos. Sobre todos os outros extinctos illustres, que a França tem perdido, avanta-se Charcot, pelo lado humanitario. Se, Renan, Taine, Meissonier, Maupassant, etc., trabalharam em ramos diversos e deixaram obras irrefragaveis d'uma admiracão permanente. Charcot levantou um preito unisono de tristeza dos seus discipulos, conterraneos e extranhos. Ser grande entre os grandes, é a meta a que attingiu o medico Charcot e não só grande entre os sabios francezes, mas tambem entre todos os contemporaneos da Europa.

Popularisado pelo seu trabalho, não havia quem o desconhecesse. E mais, era tão característico: um pouco corcovado, as faces lisas, perfil de medalhão grego, fronte erguida, labios desdenhosos, sempre barbeado, com pouco cabello, n'aquella magnifica cabeça; o olhar triste e frio, mas ás vezes profundo, penetrante quando observava.

Era, Charcot, pouco prodigo em manifestações affectuosas, só tinha duas alegrias suggestivas, a da familia, e o exito d'um acto scientifico quando descobria que precisara a verdade. A sua natureza d'uma gravidade, quasi concentramento, só se expandia quando beijava seus filhos João e Joanna, para o qual, se abria n'um dimanar de caricias e sorrisos cheios de encanto.

Para os discipulos, já não era assim, só os estimava pelo maior coefficiente da unidade de trabalho que produzissem. Isto devia ser um estimulo, quando não fosse uma doce ambição de produzir obras e homens de valia.

A sua influencia, pois, na *Medicina Contemporanea* é consideravel e salutar, no dominio d'ella não houve ramo, que laboriosamente não explore como sabio distincto, professor eminente, observador sagaz, clinico prudente e avisado e innovador audacioso.

Dotado com uma intelligencia notabilissima, grande largueza de vistas, accetando, ensinando discutindo e dissecando com uma rara segurança de opinião, todas as ideias modernas em que houvesse alguma cousa de pratico; assim, o medico Charcot, foi um professor incomparavel.

Era o inspirador das summidades medicas, que ao Hospicio da Salpêtrière, acudiam a ouvi-lo e porque d'alli fizera o ponto de reunião d'esses trabalhadores que o ouviam respeitosamente. A sua opinião e os seus discursos, que digamos sempre de eloquencia perada, eram esperados como devendo dar a nota justa e verdadeira, baseada sobre os melhores argumentos, accessoriada de irrefutaveis comparações e de imagem as mais felizes.

Tudo isso, desapareceu, volvendo á terra. Faleceu este illustre sabio, n'uma pequena aldeia vizinha de Chanteau Chinon; contando pouco mais de sessenta e oito annos, pois que nascera, em Paris, em 1825. Recebera o grau de doutor em 1853. Foi em 1862, epoca em que entrou no hospicio da Salpêtrière, que começaram os seus importantes estudos sobre as affecções nervosas: loucura, hysteria, a grande nevrose a aphasia, a ataxia; e especialmente as prelecções sobre o hypnotismo estabeleceram em todos os paizes a gloria do sabio francez.

Charcot, era membro da Academia de Medicina desde 1873, e membro do Instituto desde 1883, era tambem commendador da Legião d'Honra.

## A INAUGURAÇÃO DO CABO SUBMARINO DOS AÇORES

Inaugurou-se no dia 27 do mez passado, o cabo submarino dos Açores, que além da utilidade administrativa e commercial, tem a do bem da humanidade, pois, que será mui facil dar aviso da aproximação dos temporaes provenientes da America.

Fôra no dia 13, do mesmo mez, que se amarrou na vespera, em Carcavellos, a ponta do cabo. A bordo do vapor *Seine* que conduzia o cabo, e que estava fundeado na bahia de Cascaes teve lugar a cerimonia d'um exame ao cabo e aos aparelhos, procedendo-se á ligação do cabo principal com o cabo (chicote). Assistiram os ministros das obras publicas e do reino; director geral interino dos correios e telegraphos o sr. Alfredo Pereira, Fernando Mattoso dos Santos, deputado pelos Açores. Carlos dos Santos Silva, representante da companhia concessionaria, muitas senhoras, etc.

Terminado este acto, serviu-se, na camara do vapor, um opiparo almoço que correu animadissimo.

Presidia á meza principal o commandante do vapor, tendo á direita o sr. presidente do conselho e á esquerda a sr.<sup>a</sup> D. Joanna Hintze Ribeiro, á qual se seguia o sr. ministro das obras publicas.

Diversos brindes se trocaram sendo o primeiro levantado pelo commandante a Suas Magestades, El Rei e a Rainha. Seguiu-se o sr. presidente, depois o sr. Alfredo Pereira, etc., etc.

Terminado este almoço o sr. conselheiro Hintze Ribeiro expediu de bordo do *Seine* o seguinte telegramma, dirigido a sua magestade el-rei:

«De bordo do *Seine*, que em poucos momentos parte para os Açores, levando o cabo telegraphico, tenho a honra de a Vossa Magestade apresentar respeitosa felicitacões de todos os que me cercam aqui, pela realisacão d'um melhoramento de tão largo alcance para os Açores.»

O sr. ministro das obras publicas enviou a sir John Pender, principal promotor da empresa, que é a «Telegraph Constructions And Maintenance Company», as seguintes palavras:

«De bordo do *Seine* sinceras congratulações.»

Estes dois telegrammas percorreram todo o cabo enrolado nos porões do *Seine*.

A 1 1/2 da tarde, desembarcando os convidados, poz-se em movimento o *Seine* começando a desenrolar-se o cabo.

\* \*

E o desenrolar do cabo, trabalho cheio de cuidados, foi se fazendo e de cinco em cinco minutos o navio communicava com a estação de Carcavellos.

Após alguns dias de viagem amarrava-se o cabo em S. Miguel, e assim se ligavam os povos açorianos ao continente portuguez.

Tratou-se, pois, da inauguração. Como dissémos, no domno 27, teve lugar em Carcavellos esse solemnisimo acto. Após a chegada de el-rei expediram immediatamente para os Açores os

### PRIMEIROS TELEGRAMMAS

El Rei, ás 3 horas e 25 minutos, expediu o seguinte despacho ao representante do povo de S. Miguel:

Ao sr. *Presidente da commissão districtal de Ponta Delgada*.

Sinto-me deveras feliz ao enlaçar á mãe patria, por um vinculo quasi tão intimo como o pensamento que nos reúne, o valoroso povo açoriano, Está aberto á circulação o cabo telegraphico entre Lisboa e Açores.

El Rei.

A resposta a este telegramma foi a seguinte:

A Sua Magestade El Rei:

O povo michaelense por si, e interprete do de todo o archipelago, saúda respeitoso e grato Vossa Magestade e Familia Real. Viva a integridade nacional!

Aristides Motta, presidente.

Uma commissão de senhoras michaelenses, presidida pela sr.<sup>a</sup> D. Georgina Hintze Ribeiro, enviou ás duas rainhas o seguinte telegramma:

A Suas Magestades as Rainhas.

As senhoras michaelenses, por si e interpretes dos sentimentos das senhoras açorianas, beijam

respeitosamente as mãos das duas augustas Rainhas

*Georgina Hintze.*

Suas Magestades formularam assim as suas respostas a estas saudações:

Agradeço vivamente as saudações das senhoras açorianas. Nada mais grato ao meu coração de rainha e de mãe do que esta aproximação que tanto responde aos sentimentos de mutuo carinho da familia portugueza.

*A Rainha.*

Envio-lhes tambem do fundo d'alma as minhas congratulações. Eleve-mos juntas as nossas preces para que Deus proteja os nossos filhos.

*Rainha Maria Pia.*

O sr. presidente do conselho expediu o seguinte telegramma:

*Ao Governador civil de Ponta Delgada.*

Em nome do governo, faço votos sinceros por que este empreendimento que solemnizamos seja mais um laço de intima confraternidade entre povos portuguezes e mais um seguro elemento de actividade e progresso para a nação. Viva Portugal, patria de nós todos!... Transmitta V. Ex.<sup>a</sup> ás outras ilhas do archipelago açoriano as congratulações de Suas Magestades e os votos que o governo faz pela prosperidade do paiz.

*Hintze Ribeiro.*

telegramma que teve a seguinte resposta:

Excellentissimo presidente do conselho.

Em nome dos habitantes d'este districto e com a maior satisfação e reconhecimento, agradeço as felicitações enviadas por v. ex.<sup>a</sup> como chefe do governo que realisou a mais querida aspiração dos povos do archipelago açoriano, pondo-os desde já em comunicação com o mundo inteiro, e por cuja consecução v. ex.<sup>a</sup> ha tantos annos se tem esforçado.

*Governador civil.*

Em seguida, os jornalistas presentes, representantes de quasi todos os jornaes de Lisboa, encarregaram o seu decano, o nosso illustre amigo e collega do *Diario de Noticias*, o sr. Brito Aranha, de redigir um telegramma de saudação á imprensa açoriana, telegramma que foi dirigido ao *Açoriano Oriental*, o mais antigo jornal portuguez pois que conta cincoenta e nove annos:

*Ao Açoriano Oriental, Ponta Delgada.* — A imprensa de Lisboa, reunida n'este dia de tão grandiosa solemnidade nacional, saúda o decano dos periodicos portuguezes, e pede que seja o interprete da sua fraternal e carinhosa saudação para com todos os collegas da imprensa do archipelago açoriano, fazendo votos pelas prosperidades da patria.

*Diario de Noticias — Diario Popular — Jornal do Commercio — Século — Correio da Noite — Correio da Manhã — Nação — Reporter — Vanguarda — Folha do Povo — Novidades — Tarde — Commercio de Portugal — Portugal, Madeira e Açores — Occidente — Antonio Moura — Tempo — Diario Illustrado — Correio Juridico — Correio Medico — Gazeta dos Caminhos de Ferro.*

Continuou-se a expedição dos telegrammas até que findas a sua transmissão e a recepção, Suas Magestades e Alteza e todos os convidados se dirigiram para o vasto campo do *cricket* e do *football* dos inglezes de Carcavellos, onde foi servido o *lunch* fornecido pela casa Ferrari. Teve lugar o *lunch* em dois pavilhões alli levantados para esse fim.

No pavilhão real, todo guarnecido a velludo *grenat*, havia talheres para 30 pessoas.

Tomou a presidencia Sua Magestade El-Rei, seguindo-se á direita: Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia e Sua Alteza o Senhor Infante D. Afonso, e á esquerda Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia, o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, as damas da rainha, deputados açorianos, pessoas da cõrte, presidente da camara dos deputados, etc.

Ao pavilhão real seguia-se um outro guarnecido a azul e branco, onde foi servido o *lunch* aos restantes convidados. Na meza d'este pavilhão fazia as honras o sr. ministro das obras publicas, que foi saudado em nome dos Açores e da imprensa pelos nossos collegas Augusto Ribeiro e Brito Aranha.

Ao *dessert*, Sua Magestade El-Rei, tomando a palavra, ergueu um brinde caloroso aos Açores, congratulando-se pela ligação telegraphica do archipelago á metropole e pelas prosperidades de Portugal. Quando o senhor D. Carlos acabou de fallar, as bandas de caçadores 2 e 5 e as fanfarras dos bombeiros de Cascaes e Oeiras, acampadas no vasto recinto onde se erguiam os pavilhões, tocaram o hymno real. O sr. presidente do conselho ergueu então vivas a El-Rei, Rainha, D. Maria Pia, infante D. Afonso, familia real portugueza e á patria, vivas que foram colorosamente correspondidos.

Eram 5 horas da tarde quando acabou o *lunch*. Feitas as despedidas, Suas Magestades retiraram-se, em carruagem descoberta, para Cintra.

Poucos minutos depois, sahia de Carcavellos o comboio dos convidados, conduzindo a Lisboa as pessoas que tiveram a felicidade de assistir á inauguração d'uma obra tão grandiosamente util, obra de trabalho, de progresso.

A redacção do OCCIDENTE não devia esquecer-se de registar um facto tão capital. Fez-se representar pelo seu director o sr. Caetano Alberto, que tirou o *croquis*, sobre o qual se fez a gravura que illustra a nossa pagina.

Representa a estação do cabo, em Carcavellos, decorada e embandeirada. Este edificio era o antigo palacio do Morgado da Alagôa, na Quinta Nova de Santo Antonio. Foi comprado pela companhia do cabo telegraphico submarino em 1872 por 23:000\$000 réis; a companhia escolheu este edificio por se prestar ao estabelecimento das suas repartições e estar collocado muito proximo do Oceano distando apenas vinte kilometros da capital. A construcção do palacio é do seculo passado tendo sido seu fundador José Francisco da Cruz, avô do ex possuidor que o vendeu á referida companhia. Este palacio está construido no centro da quinta a que acima nos referimos, a qual foi muito productiva, mas hoje está em completo abandono.

El rei D. José gostava muito d'esta vivenda e muitas vezes ali ia de passeio almoçar.

O palacio tem dois altos torreões que se avistam do Oceano a grande distancia, e servem por isso de balisa aos navegantes.

## EM VILLEGIAURA

### QUADRO DE WEHEL

Em villegiatura é o titulo que Wehel deu a este bello quadro, que reproduz uma d'essas scenas vulgares que se vêem no campo, n'esta época do verão.

O calor das cidades obriga as familias mais abastadas a procurarem o ar mais fresco e saudavel dos campos e ali, á sombra das arvores protectoras, sobre a relva orvalhada pela madrugada, quanto é agradável descansar algumas horas, entregue á leitura amena de algum romance.

E' o que aconteceu á gentil menina que Wehel pintou no seu quadro.

Que a leitora se preserve d'estas indiscrições do artista, se não deseja vêr se assim retratada n'aquella posição de abandono em que muitas vezes se terá quedado, sob a bemfeitora sombra das accacias, pensando mais detidamente n'alguma passagem que mais a impressionou do livro que poz de parte, por alguns momentos.

As nossas leitoras podem bem avaliar toda a verdade que ha n'este quadro tão simples.

## AFFONSO DE ALBUQUERQUE APRECIADO PELOS INGLEZES

(Continuado do n.º antecedente)

### II

O primeiro capitulo da obra intitula-se *Os predecessores de Albuquerque* e o sr. Morse Stephens traça brevemente a historia das navegações portuguezas, mostra como a Europa sempre ambicionou o commercio maravilhoso do extremo Oriente, como esse commercio esteve por largos seculos nas mãos dos arabes e da republica de Veneza, invejada por todos os paizes christãos. Conta a sublime viagem de Vasco da Gama, e mostra o estado do Malabar, quando os Portuguezes chegaram. Os Mahometanos dominavam directa ou indirectamente, em todos os pequenos reinos da Peninsula; em Calicut especialmente esses Mahometanos, que o sr. Morse Stephens apresenta como descendentes dos Moplas, tinham nas suas mãos o commercio, e o soberano, príncipe hindú, apesar de rodeado de uma aris-

tocracia tambem hindú, que formava a casta dos *naires*, e de muitos christãos nestoriamos, que os Portuguezes tomaram por christãos de S. Thomé, estava muito sujeito á influencia d'esses ricos negociantes.

O titulo de *Samorim* pelo qual os Portuguezes o conheceram, considera-o o sr. Stephens como versão da palavra *malqyalim* «Tâmãtirã» ou «Tâmãri» modificação da palavra sanskrita *samundei* que significa «rei do mar.»

Entende o sr. Stephens que os Portuguezes não pensavam senão em estabelecer commercio na India, commercio cujos interesses bem comprehendiam, e que foi a hostilidade dos Mahometanos que os obrigou a recorrer á força, como aconteceu depois aos Hollandezes e aos Inglezes que ao principio só no commercio pensavam.

Os Indios tambem acolhiam de boa sombra os Portuguezes, e, se os rajahs de Cananor e de Cochim receberam favoravelmente esses Europeus, foi porque, sendo muito menos poderosos que o *Samoudri*, estavam tambem muito menos sujeitos á influencia dos Moplas.

Esta hostilidade determinou a nova direcção da politica portugueza. Pedro Alvares Cabral teve que lutar abertamente contra os Mahometanos, Vasco da Gama, na sua segunda viagem, teve de deixar uma esquadra commandada por Vicente Sodré para proteger as feitorias que com fins exclusivamente commerciaes deixava estabelecidas na costa. Esta esquadra naufragou nos rochedos de Abd el-Kuri, o rajah de Cachim viu-se atacado pelo *Zamorin*, e Afonso de Albuquerque e seu primo Francisco de Albuquerque, chegando á India a tempo de salvar os portuguezes e o seu aliado, entenderam que deviam deixar mais do que navios, soldados bem commandados e fortificados n'uma improvisada tranqueira em Cochim. O commandante d'esta primeira guarnição europeia na India foi o famoso Duarte Pacheco, a cujas façanhas Stephens se refere entusiasticamente.

Foi então que o governo portuguez pensou em se estabelecer mais solidamente no Oriente, e fundar alli um governo confiado a homens de alta importancia. Foi o primeiro D. Francisco de Almeida, que entendeu que Portugal era pequeno demais para poder com tão enorme imperio onde encontrava demais a mais tão terriveis hostilidades como as das potencias mahometanas. Por isso estabeleceu em Cochim, a sede do governo portuguez, tundo fortaleza portugueza em Quilwa ou Kilwa como hoje se lhe chama, a fim de dar aos navios portuguezes na Africa oriental um ponto em que podessem refazer-se da longa viagem, e tratou principalmente de dominar o mar, para proteger o commercio portuguez e cortar o commercio mahometano. Coincidia isso com as preoccupações que principiavam a invadir o espirito do sultão mameluko do Egypto, que via os seus rendimentos diminuidos com a intervenção portugueza. D'ahi as batalhas navaes, em que D. Lourenço d'Almeida foi morto e em que D. Francisco de Almeida triumphou brilhantemente. D'ahi o incendio de Ponani, ou *Panane* como as nossas chronicas dizem, centro religioso dos Mahometanos na India, como ainda hoje é, o incendio de Dabhol, a *Dabul* dos nossos chronicistas cidade do poderoso rajah de Bijapur, a derrota do emir Hussein commandante da frota egypcia, a attitude dubia de *Malik-Ayaz*, nababo de Diu, a submissão do soberano de Ahmeda bad ou Cambaya, Mahumd Shah Bájara, que vendo os portuguezes victoriosos, se apressou a fazer a paz com elles.

E' n'este momento que vae principiar o governo de Afonso de Albuquerque. Bem contra vontade do grande homem, tem elle de começar o seu governo condescendendo com as vontades do marechal portuguez, D. Fernando Coutinho, que insiste em intentar uma expedição contra Calicut, apezar de Albuquerque lhe indicar as pessimas condições em que terá de se emprehender. D'essa expedição encontramos no livro do sr. Morse Stephens uma narração interessantissima, porque é extrahida de um livro historico indiano do seculo xvi, livro escripto pelo Sheikh Zin-uddin e intitulado *Tohfut-ul mujahibeen*.

\*Na quinta-feira, 22 do mez de Ramzan do anno da Hegira 915, os Frankos fizeram um desembarque em Calicut, commettendo grande devastação e queimando a mesquita de Jama que foi construida por Nakuz Miscal; e atacaram tambem o palacio do Zamorin, esperando tomar posse d'elle, porque esse príncipe estava ausente, empenhado n'uma guerra n'uma parte distante dos seus dominios. Mas os Naires, que tinham sido deixados em Calicut, tendo-se unido contra esses invasores, atacaram-nos e conseguiram ex-

pulsal-os do palacio, matando ao mesmo tempo cerca de 500; tambem muitos se affogaram, e os poucos que escaparam salvaram se fugindo para bordo dos seus navios; mallogrando-se inteiramente os seus designios pela permissão do Altissimo Deus. Antes d'isto e depois fizeram elles varios ataques aos dominios do Zamorin queimando n'estes ataques ao todo cerca de cinquenta navios que estavam perto das praias, e dando martyrio a mais de setenta dos fieis.»

Este trecho, publicado pelo sr. Stephens, estava traduzido desde 1833 pelo tenente Rowlandson. Em Portugal nunca se pensou em estudar as chronicas indianas, para servirem de contraprova ás narrações dos nossos chronistas, e de elemento á historia seria das nossas conquistas!

E feito isto, vamos vêr como o sr. Morse Stephens aprecia o vulto de Albuquerque, e o caracter da sua politica e do seu governo.

carreira do eminente general no tempo de D. Affonso V e de D. João II, da sua primeira expedição á India com seu primo Francisco de Albuquerque, da sua segunda expedição em companhia de Tristão da Cunha, e do seu procedimento como commandante da esquadra que devia vigiar o mar Vermelho, e impedir quanto possivel que os Musulmanos do Mediterraneo acudissem aos seus correligionarios orientaes. Apenas pôde notar que em Portugal não se notára ainda uma circumstancia que nos estava sendo favoravel, a da inimizade que rebentára entre Selim I, sultão de Constantinopla e o sultão mameluko do Egypto, inimizade que impedia os dois sultões de cuidarem seriamente dos interesses do seu commercio na India. Tambem observa que Affonso de Albuquerque, procurando conquistar Ormuz, mostrara conhecer logo a importancia commercial d'essa cidade, que estava sendo centro de um commercio entre a Persia e a India, e que, nas mãos dos

dizendo que precisava falar ao doutor immediatamente, porque toda a demora constituia grave perigo para a sua saude.

Tanto instou que não houve remedio senão franquear-lhe a entrada.

O medico envergonhou á pressa um chambre e, melancolico, dirigindo-se ao seu gabinete, achou-se alli na presença de um homem que lhe não era de todo desconhecido e, a julgar pelo seu porte e maneiras, devia pertencer á sociedade mais selecta. No pallido rosto via-se-lhe o reflexo de grandes padecimentos physicos e moraes. Levava o braço direito ao peito e, por mais esforços visiveis que fizesse por conter-se, o soffrimento de vez em quando arrancava-lhe dos labios um gemido abafado.

—E' o sr. doutor K... a quem tenho a honra de falar? perguntou com voz surda e fraca.

—Sim, senhor.

—Vivo no campo e por isso não tenho a honra

## INAUGURAÇÃO DO CABO SUBMARINO DOS AÇORES



A ESTAÇÃO DO CABO SUBMARINO, EM CARCAVELLOS — CHEGADA DA FAMÍLIA REAL Á ESTAÇÃO, 27 DE AGOSTO DE 1893

(Croquis de C. Alberto)

### III

Nada importante pôde o escriptor inglez dizer ácerca da vida de Affonso de Albuquerque anterior ao seu governo. Dá se com este grande homem o caso estranho que só na historia portugueza pôde acontecer, de se ignorar completamente ou quasi completamente a sua existencia até ao momento em que, sahindo da sombra, o seu genio começou a projectar uma torrente de luz na historia do seu paiz e na historia do mundo, accrescendo ainda a singularidade de que esse momento chegou exactamente quando Affonso de Albuquerque chegava a plena velhice. Nunca houve paiz mais desdenhoso das glorias dos seus filhos do que tem sido o nosso. Devia comprehender ao menos que são essas glorias que formam no seu conjunto a gloria nacional, mas quando é ambem que a gloria nacional nos serviu a nós para outra cousa que não fosse para fazermos d'ella uma arma contra compatriotas?

Morse Stephens nada pôde pois dizer de importante ácerca da familia de Albuquerque, da

Portuguezes, não só converteria em proveito d'elles essa corrente commercial, mas podia passar a ser centro de um novo e importante commercio directo entre a Persia e a Europa.

Tratando, porém, da politica iniciada por Affonso de Albuquerque, logo que tomou posse do governo, Morse Stephens mostra bem como era habil essa politica de intransigente odio para com os musulmanos, de amizade e boas relações com os Hindus. O odio profundo que havia entre essas duas raças, uma das quaes—a indigena—estava sendo vencida e subjugada, e a outra, a estrangeira, estava estabelecendo um dominio violento, não só era evidente n'essa epoca, mas tem persistido de um modo continuado atravez dos seculos.

*Pinheiro Chagas.*

## O BEIJO

(CONTO DE M. JOKAIS)

Uma manhã muito cedo apresentou-se á porta de K..., celebre medico de Pesth, um individuo

de o conhecer senão de nome. Sinto não poder dizer-lhe que folgo de tractal-o agora de perto, porque o motivo que me traz aqui não é nada agradável.

O medico, vendo que o doente ia perder a firmeza, offereceu-lhe uma cadeira.

—Estou prostrado. Ha uma semana que não posso conciliar o somno. Apareceu-me uma cousa na mão direita, que não sei que é Carbunculo, cancro, tudo pode ser. A dor a principio era leve, mas agora é um doer continuo, horrivel, que de dia para dia augmenta em intensidade. Não posso resistir mais. Metti-me no carro e aqui estou. Cauterize ou corte o sr. doutor a parte que eu lhe diga, porque soffro como um condemnado.

O medico quiz tranquillizar-o, dizendo que talvez não fosse necessario recorrer ao bisturi; que os emollientes e os dissolventes...

—Não, não, gritou o enfermo; deixemo-nos de emollientes, de cataplasmas: nada d'isso pode aliviar-me. Do bisturi é que eu preciso. Vim a sua casa para que me corte a parte que me dóe.

O doutor quiz ver a mão; o doente apresentou

BELLAS-ARTES



EM VILLEGIAURA—QUADRO DE WEHEL

lh'a, rangendo os dentes, (tão insofrível parecia a dor,) e começou a tirar a atadura com todas as precauções imagináveis.

—Primeiro que tudo, senhor doutor, peço-lhe que não faça obra logo pelo que vir. A minha doença é tão singular, que estou certo o surpreenderá; mas, por Deus, não perca um momento, opere-me quanto antes.

K... tornou a tranquilizar o doente. Na sua qualidade de medico estava costumado a ver tanta cousa, que nada já poderia causar-lhe admiração.

Não obstante, o que elle viu quando desapareceu a ligadura, encheu-o de assombro. Nada allí havia de anormal, nem chaga, nem ferida, nem lesão. Era uma mão como outra qualquer. Incomodado largou-a.

O grito de dor lançado pelo enfermo, que logo com a mão sã tractou de levantar a que o torturava, provou ao medico que não era victima de uma burla, senão que existia verdadeiramente um soffrimento.

—Onde é a parte sensível?

—Aqui, respondeu o doente, indicando na costa da mão um ponto onde se cruzavam duas veias; e estremeceu dos pés á cabeça quando o medico lhe tocou com a ponta do dedo.

—E' aqui que sente a dor?

—Ai!... sim.

—E' muito sensível a pressão quando ponho o dedo?

Não respondeu, mas as lagrimas saltaram-lhe: tanto elle padecia.

—E' assombroso! Eu não vejo nada.

—Nem eu; e comtudo sinto uma dor tão intensa que me dão tentações de despedaçar a cabeça contra a parede.

O doutor pegou n'uma lente, examinou e abanou a cabeça.

—Isto está cheio de vida. O sangue circula aqui com a maxima regularidade. Não há inflamação nem cancro. Está perfeitamente são.

—Parece-me, emtanto, que a côr aqui é um pouco mais carregada.

—Onde?

O desconhecido tirou um lapiz da carteira, traçou na mão um circulo do tamanho de um florim e disse:

—Aqui.

O medico fitou o. Principiava a crer que o seu cliente tinha a cabeça algum tanto transtornada.

—Fique o senhor aqui, disse elle; cural o hei em poucos dias.

—Não posso esperar. Não julgue que sou doido ou maniaco. Não é assim que o doutor me ha de curar. Este circulo que tracei com o lapiz faz-me padecer tormentos infernaes, e vim decidido a que o senhor m'o corte.

—Isso é que não, disse o medico.

—Porque?

—Porque essa mão não apresenta nenhum symptoma pathologico. Está tão sã como a minha.

—O doutor imagina que eu estou doido ou vim aqui para caçoar, replicou o doente, tirando da carteira um bilhete de mil florins que pôs sobre a secretaria. Já vê que se não tracta de brincadeira nem de um capricho. O favor que lhe peço é tão urgente quanto importante. Quer cortar-me esta parte?

—Meu caro senhor, já lhe disse e repito que nem por todos os thesouros de Cresu eu consentiria em considerar como doente um membro que está completamente são, e muito menos em cortar o.

—Mas porque?

—Porque proceder de outro modo seria dar motivo a que se duvidasse dos meus conhecimentos medicos e comprometteria a minha reputação. Toda a gente diria que o sr. não estava em seu juizo, e eu não escrupulizara em especular com a sua monomania, ou lóra tão ignorante que não a conheceria.

—Bem. N'esse caso apenas reclamarei do doutor um serviço quasi insignificante. Eu mesmo vou operar-me. Talvez não possa manejar bem o bisturi com a mão esquerda, mas não importa. Encarregue-se o doutor de pôr-me a atadura depois da operação.

Despiu a sobrecasaca, arregaçou as mangas da camisa, e lançou mão de um bisturi que estava em cima da secretaria.

Um segundo mais, e o ferro teria feito na carne profunda incisão.

—Pare, senhor, gritou-lhe o medico, temendo que o doente, por inepcia, lesasse algum orgão importante. Já que tem como indispensavel a operação, seja.

Pegou no bisturi e, segurando com a mão esquerda a direita do doente, disse-lhe que vol-

tasse a cara, porque ha pessoas que não podem ver correr sangue sem desmaiar.

—É inutil, acudiu o desconhecido. Eu mesmo lhe indicarei o que deve cortar.

E, com effeito, esteve vendo a operação até o fim, com o maior sangue frio, e indicando os limites das secções. A mão aberta não teve o mais leve estremecimento; e quando elle viu que o medico tirou o pedaço de carne, suspirou profundamente, como um homem a quem tiram de cima um grande peso.

—Desappareceu a dôr?

—Completamente, respondeu sorrindo. Agora a dôr que sinto, causada pela ferida, é como fresca brisa comparada ao calor do inferno. Deleita-me vêr correr o sangue... Deixe o correr; allivia-me!

O medico teve que insistir duas vezes para que o deixasse curar a ferida.

Durante a cura as feições do operado transformaram-se completamente. Desappareceu d'ellas toda a expressão dolorosa, toda a contracção violenta; a fronte serenou; em vez da desesperação que seus olhos antes irradiavam, appareceu n'elles um sorriso satisfeito e de bom humor. Tornava a gosar da vida aquelle homem.

Ligada a mão, apertou cordialmente com a que lhe ficava livre a do medico, e disse-lhe com enthusiasmo:

—O meu agradecimento será eterno. Curou-me. A exigua remuneração que lhe offereço não está de certo á altura do serviço que me fez, mas creia que, por todos os meios ao meu alcance, hei de diligenciar pagar-lhe esta divida de gratidão.

O medico opinava de modo differente, e não quiz os mil florins que estavam sobre a secretaria. O desconhecido, por sua parte, negava-se a levar-os de novo ao bolso; por ultimo, vendo que o medico já estava desgostoso, pediu-lhe que os desse de esmola a um hospital, e retirou-se.

K... tractou-o, até que cicatrizou a ferida. Nas muitas occasiões que teve de vel-o, convenceu-se de que era um homem serio, de juizo são, intelligente, illustrado e de opiniões positivas acerca da vida. Além de rico, tinha uma posição official muito respeitavel. Desde que se curou do mal que o affligia, não se notou n'elle o mais leve indicio de doença physica ou moral.

Logo que fechou a ferida, voltou tranquillamente para a sua quinta.

## II

Tres semanas apenas tinham decorrido, quando uma manhã, tão cedo como da primeira vez, tornaram a annunciar ao medico a visita do seu antigo doente.

Correu o doutor K... a recebê-lo.

O paciente entrou com o braço ao peito e as feições decompostas e visivelmente alteradas pelo soffrimento. Não esperou que o mandassem assentar; deixou-se cair n'uma cadeira, pôs-se a gemer e, sem dizer palavra, estendeu a mão ao medico.

—Então, que ha? perguntou surpreso o homem da sciencia.

—Não cortámos bastante da primeira vez, respondeu com voz entrecortada e accento sombrio. A dôr tornou a apresentar-se no mesmo sitio, e mais lancinante e cruel que antes. Já não sei que hei de fazer; perdi o tino de todo; tenho o braço morto, apenas pela irradiação da dôr. Não queria tornar a incommodal-o. Tenho deixado correr os dias a vêr se a pouco e pouco a inflamação subia á cabeça ou descia ao coração e punha assim termo á minha miseravel existencia. A dôr não sai d'este sitio nem se estende. O que soffro é indizível... Olhe para a minha cara e verá.

O homem estava pallido como a cera; da testa brotava-lhe um suor frio. O medico pegou na mão ligada e descobriu-a. O ponto operado estava cicatrizado perfeitamente e não se notava n'elle nenhum symptoma extranho. O pulso funcionava com regularidade completa, sem indicar febre; não obstante o doente estremeceu dos pés á cabeça.

—Isto é um phenomeno horroroso, exclamou o medico cada vez mais espantado. Nunca vi uma cousa assim.

—E' verdade, doutor; é um prodigio, um prodigio horrivel. Não tracte de investigar-lhe as causas. Livre-me d'este tormento. Pegue no ferro, corte o mais fundo que pudêr e alargue o circulo. Está n'isso a minha salvação.

O medico teve que acceder de novo aos rogos do doente. Tornou a fazer a mesma operação, aprofundando mais e ampliando o diametro da ferida, e logo tambem, ao vêr correr o proprio sangue, o paciente mostrou no rosto aquelle im-

menso allivio, aquella grande alegria, aquella satisfação infantil que mostrara da primeira vez. Terminada a cura, volveram-lhe ás faces as côres da vida, mas não sorriu.

—Muito agradecido, doutor, disse com voz triste; em poucos dias estará fechada esta ferida, mas não extranhe se dentro de um mez me tornar a vêr aqui.

—Afaste essa idéa.

—Sei perfeitamente que a dôr ha de voltar n'esse prazo... Cumpra-se o meu destino... Até á vista, doutor.

E cabisbaixo e abatido sahio de casa do medico, mettu-se no carro e partiu.

O doutor communicou aos collegas o rarissimo caso. Apreciou o cada qual a seu modo, mas nenhum pôde dar d'elle uma explicação plausivel e razoavel.

Decorrido o mez, esperou K... com inquietação o seu enigmatico doente, que não tornou a apparecer.

(Continúa)

Francisco de Almeida.

## INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGEZAS

### XI

#### A CONGREGAÇÃO DO ORATORIO

(Continuado do n.º 524)

*Hic recludantur ossa Venerabiles Servi Dei P.º Bartholomæ de Quentalis Congregationis Oratoris in Lusitania regno atque jus Dominatum fondatoris.*

Por essa occasião abriu-se de novo o athaude tornando-se a examinar o corpo do santo fundador, achando-se incorrupto, apesar de não ter sido embalsamado e serem passados cincoenta e tantos annos que se havia inhumado.

\*  
\*  
\*

Na vasta e aprasivel residencia das Necessidades se conservou a Congregação largo tempo sendo o seu hospicio visitado a miudo pela familia real e diversos personagens estrangeiros, que muito gabaram todo o edificio e a sumptuosidade da sua construcção, bem como a extensa quinta, assombreada por umbroso arvoredor, os deliciosos jardins, as primorosas figuras e magnificos lagos e cascatas, e os esplendidos exemplares de arbustos, alguns d'elles muito exquisitos e de grande raridade.

Os bons padres de S. Filippe Nery muito se ufanavam d'esses elogios, e, na verdade, elles tinham razão para assim se desvanecerem, porque a sua vivenda era effectivamente das mais deliciosas.

Infelizmente para elles a fortuna nem sempre lhes foi propicia.

Pelas cartas que o padre oratoriano Antonio Pereira de Figueiredo dirigiu para Roma ao celebre Luiz Antonio Verney, vê-se que os congregados do Oratorio de Lisboa chegaram a cair no desagrado do conde de Oeiras (depois marquez de Pombal). Parece que os padres do Oratorio tiveram o arrojo de se opporem ás reformas que o poderoso ministro d'el rei D. José pretendia effectuar no clero, de donde resultou serem os oratorianos suspensos de prégar e confessar, incluindo-se n'essa prohibição todas as outras casas da comunidade, excepto a de Vizeu.<sup>1</sup>

Tambem d'essa contenda resultou ser tirado o convento de Mafra aos religiosos regulares Arrabidos, ou Capuchos (grande comunidade de mais de 300 frades) e ser dada a casa aos conegos regulares de Santo Agostinho.<sup>2</sup>

O padre Figueiredo, muito relacionado com o conde de Oeiras, receava — segundo as suas palavras a Verney — que n'esse desagrado fosse incluída a Casa do Oratorio de Goa, então uma das mais importantes do reino.

O tempo porem se encarregou de tudo apaziguar e os padres de S. Filippe Nery continuaram a permanecer no seu aprazivel hospicio das Ne-

<sup>1</sup> Convento concluído em maio de 1747 havendo por essa occasião em Vizeu grandes solemnidades, como se mostra na *Gazeta de Lisboa* do referido anno, N.º 25 de 22 de junho.

<sup>2</sup> Voliaram depois para lá os Arrabidos. No congresso de 1821 um deputado propoz para o convento tornar a ser dado aos religiosos de Santo Agostinho para ali estabelecerem de novo os seus estudos, mas a proposta ficou sem seguimento.

cessidades e a usufruir de todos os seus antigos privilegios e, nomeadamente, do que lhes permitia a impressão da Folhinha

A respeito d'este privilegio podemos saber o seguinte :

Pelo alvará de 22 de março de 1781 vemos que n'essa época se haviam concedido cinco privilegios para a impressão e publicação de diversas obras periodicas.

1.º O que era concedido pelo dito alvará á Academia Real das Sciencias para que ella podesse imprimir todas as suas Memorias e diversas outras obras, com algumas excepções porém — que aponta.

2.º O concedido aos officiaes da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros para a *Gazeta de Lisboa*.

3.º O tambem já dado a Felix Antonio Castrioto para a publicação do seu *Jornal Encyclopedico*.

4.º O privilegio perpetuo á Congregação do Oratorio para a impressão do *DIARIO ECCLESIASTICO*, chamado *FOLHINHA*.

Este privilegio parece ter sido desattendido, ou mal entendido, por alguns especuladores, porque foram apparecendo á venda diversos Lunarios e Prognosticos que, advenciammente se iam introduzindo no mercado e invadindo as prerogativas, e tambem os proventos — o que era mais duro para elles — dos bons padres oratorianos.

E, n'esse sentido elles representaram a el-rei o Sr. D. João VI, declarando que aquellas publicações além de lhes affectarem os seus interesses iam d'encontro ao privilegio que os reis, antecessores de S. M., lhes haviam concedido e conservado.

D. João VI, dando ouvidos á pretensão, providenciou logo, mandando que pela Mesa do Desembargo do Paço se passasse a provisão de 5 de agosto de 1825 na qual se declara : «que em vista do que os padres do Oratorio haviam representado, ácerca do privilegio exclusivo de que gosavam : *de fazer-se e publicar as folhinhas de reza e anno para estes reinos*, e constando que haviam apparecido Lunarios e Prognosticos em que se introduziam as declarações dos dias santos, dias de jejum e outras cousas que só eram permittidas á Folhinha, se prohibiam expressamente esses abusos e se impunham as penas da lei não só áquelles que as mandassem vir de fóra, introduzindo-as á venda, mas aos que as imprimissem (vidê : *Gaz. de Lisb.* n.º 130, de 4 de junho de 1825).

\* \* \*

A liberdade porém julgou-se incompativel com o predominio monastico.

A Revolução de Vinte veio, pelo decreto de 31 de março de 1821, extinguir a inquisição depois da larga existencia de 285 annos, em que tantas victimas havia feito.

As côrtes constituintes deram ordem á regencia, em 21 de maio do mesmo anno para se suspender em todos os conventos a admissão de noviços.

Em 1823 tornou a levantar-se o absolutismo e portanto a ressurgir, forte e alteroso o poder clerical, mas travando se lucta entre os constitucionaes e absolutistas, e vencendo aquelles, appareceu logo o decreto de 15 de maio de 1833 reterendo por José da Silva Carvalho, que veio supprimir todos os Conventos, Hospícios e Mosteiros da cidade do Porto, e seus bens declarados nacionaes.

E por fim o decreto de 28 de maio de 1834, que veio dar o *coup de grace* ás corporações religiosas a contento de todo o povo que dizia «que o constitucionalismo *dêra cresta aos frades*» dando o epitheto ao arrojado ministro de imperador D. Pedro, Joaquim Antonio d'Aguiar, de *mata-fidas*.

Esse decreto dá por extinctos em Portugal, Algarves, ilhas adjacentes e dominios portuguezes, todos os conventos, mosteiros, hospícios e quaesquer casas religiosas de todas as Ordens Regulares, fosse qual fosse a sua denominação, instituto ou regra, ordenando que todos os seus bens fossem incorporados nos Proprios Nacionaes.

Ora é preciso aqui lembrarmos aos nossos leitores o que disse Adrien Balbi, — que muito escreveu a respeito das coisas de Portugal no seu *Ensaio historico e estatistico*—ao referir-se ao predominio dos frades no nosso paiz.

—Em 1821 existiam no reino 417 conventos de frades dos quaes se tirava o rendimento de oitocentos e trinta e tantos contos de réis, e 126 conventos de freiras, sendo o seu rendimento de quatrocentos e tantos contos.

Os conegos regrantes de Santo Agostinho, que

possuiam sete conventos, eram os mais ricos; o seu rendimento elevava-se a 93:806\$754 réis e em cereaes 14:575 alqueires, além do vinho, azeite e pitaças (*de que elles eram grandes consumidores*).

Os Carmelitas descalços eram os mais ricos em bens de raiz (*sabe Deus quantos elles tinham par: gosarem ás occultas!*) Eram uns perfeitos banqueiros, uns usurarios. *uns descalços bem calçados!*...

Os padres do instituto de S. Filippe Nery julgaram por momentos escapar á demolição, mas estavam irremessivelmente condemnados ao demasiado liberalismo do ministro demolidor. Queria este justificar o epitheto que lhe haviam posto e acabar de vez com a raça dos frades. E cumpriu-o.

Em 22 de julho sahio o decreto que comprehendia os Oratorianos entre as ordens regulares de Portugal, e, portanto, como devendo ser suprimida a congregação.

Eis o theor do decreto que acabou com os padres oratorianos, precisamente no mesmo mez que marcava o centessimo sexagessimo anno da sua instituição.

«Attendendo a que os padres da congregação do Oratorio S. Filippe Neri professam um instituto que não é do clero secular em geral, tem uma regra particular pela qual se governam como qualquer Ordem Religiosa em communidade debaixo da obediencia de preladados como todas as familias Regulares que havia n'estes Reinos, vivem de bens e rendas que administram em commum, e n'elles se verificam os abusos a que Eu pelo Decreto de 30 de maio ultimo Quiz occorrer, a má influencia que da existencia daquellas Congregações resultava no interior das familias e na Ordem publica do Estado, a insenção e quasi independencia da Authoridade Episcopal insenção nociva aos interesses da Igreja e do mesmo Estado e pouco conforme á Ordem primitiva do Estabelecimento da Igreja, e os mais inconvenientes ponderados no Relatório que precedeu o mencionado Decreto : Hei por bem em Nome da Rainha declarar os ditos Padres da Congregação do Oratorio S. Filippe Neri comprehendida no mencionado Decreto que extingue os Conventos, Mosteiros, Hospícios e quaesquer Casas de Religiosos de todas as Ordens Religiosas seja qual fôr a sua denominação, Instituto ou Regra, para que em tudo lhes sejam applicadas as suas disposições. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça assim o tenha entendido e faça executar. Paço de Queluz em 22 de julho de 1834. D. PEDRO, DUQUE DE BRAGANÇA. Joaquim Antonio d'Aguiar.

\* \* \*

Concluimos o presente artigo lastimando que este utilissimo instituto fôsse tão precipitadamente votado ao ostracismo sem que ao menos se attendesse ás primazias do seu methodo de educar a mocidade, ao que elle havia conquistado como moralizador, e ao grande valor das suas virtudes e do seu saber.

Como já tivemos occasião de mostrar, foi do seio d'essa corporação que sahiram muitos homens que illustraram Portugal nas virtudes civicas, nas letras e nas sciencias.

Foram oratorianos os padres : —

Manuel Bernardes, o suavissimo poeta e classico primoroso, auctor das *Meditações sobre os Novissimos do Homem*, livro que immortalizou a sua penna e enobreceu a lingua, e da *Nova Floresta*, captivante pela suavidade do estylo e colorido de imagens.

Theodoro d'Almeida, sabio auctor das *Recreações Filosoficas* que tanto despertou o gosto popular pela leitura d'este genero de obras, e do *Feliz Independente*, romance popularissimo no seu tempo. Este oratoriano foi um dos socios fundadores da Academia Real das Sciencias.

Francisco José Freire, um dos principaes fundadores da *Arcadia de Lisboa*, laborioso escriptor e cultor fervoroso da pureza da lingua. A elle deve a litteratura a reforma das letras no seu tempo e a implantação do bom gosto. Teve o nome arcaico de *Candido Lusitano*.

Antonio dos Reis, perito, insigne em sciencias naturaes, primoroso poeta latino e fluente prégador. Este fecundissimo oratoriano escreveu um juizo critico sobre os nossos poetas que interrompeu no tomo VII por causa da doença, de que veio a fallecer. Esse monumento indelevel levantado ao engenho portuguez, — como diz o auctor do *Dicc. Bibliog.* — intitulou-se *Corpus Illustrissimo Poetarum Lusitanorum*.

Antonio Pereira de Figueiredo, latinista pro-

fundo que compôz numerosos livros de ensino para o collegio das Necessidades.

(Continua.)

Silva Pereira.



## REVISTA POLITICA

Emquanto os srs ministros da justiça, das obras publicas, da fazenda e da guerra, fazem as suas villegiaturas pelas provincias, ouvindo estalar os foguetes festivos e as philarmonicas alegres dos varios burgos que vão visitando, a capital tambem teve as suas festas da inauguração do cabo telegraphico dos Açores de envolta com os cyrios da Atalaya e Senhor da Serra, podendo dizer-se que n'estas festas folgou clero, nobreza e povo, e não se pense que apenas queremos empregar esta estafada phrase, sem grande cabimento aqui. Se dizemos clero, nobreza e povo é com fundado motivo, porque, emquanto as ovarinas dansavam no Senhor da Serra, e a nobreza honrava o *lunch*, que em Carcavellos offereceu aos convidados a Companhia concessionaria do Cabo dos Açores, a nosso lado um bom padre obeso e galhofeiro esgotava um apoz outro, copos de Champagne com a voracidade de um faminto, pondo o na afinação de dar vivas a Lutero e alguém se lembrasse de levantar este grito. Não succedeu assim porque o senhor presidente do conselho apenas se limitou a levantar vivas a El Rei e á Patria, quando o sr. D. Carlos brindou pelas prosperidades da nação. E o cabo ficou inaugurado; todos se retiraram, mas o bom padre ainda lá se quedou escorruptichando copos de Champagne, com grande inveja dos romeiros do cyrio da Atalaya que, quando muito, esgotavam as suas borrachas de reles torreano.

Mas porque n'aquella festa reinava a abundancia não se pense que não houvessem famintos que, quasi ao mesmo tempo erguessem a bandeira da fome e a passassem pelas ruas de Lisboa pedindo pão ou trabalho.

Foram os operarios em disponibilidade, que depois de varias contradanças do governo civil para o ministerio das obras publicas e vice versa, reconheceram praticamente que o estomago não se satisfazia com aquellas passeatas, e então arvoraram os seus estandartes negros onde, em letras braccas pedian, trabalho e declaravam que com o rancho não podiam sustentar as suas familias.

Esta procissão da fome, não seguiu, porém, o seu caminho sem levantar reparos por parte da policia, a qual procurando di pensar o desolador bando, foi mal recebida, trocando se pranchadas e cacetadas que foi preciso reprimir com o auxilio da cavallaria municipal.

Mas como nem tudo é o que parece, o tal bando de operarios sem trabalho não era tão autentico como poderia parecer, e não deixava de conter em si alguns agitadores e grande dose de malandrins, que aproveitavam o pretexto para agitar a população e pescar nas aguas turvas.

Esta especulação evidenciou se tanto mais, por se manifestar depois do governo ter mandado admitir nas obras do Estado todos os operarios desempregados, com tanto que provassem ser realmente operarios, encarregando as associações de classe de fazerem esse apuramento.

Esta deliberação do governo não agradou aos supp stos operarios e d'ahi resultou aquella pequena tempestade que a municipal e a policia serenou, deixando a descobertos os especuladores, que iam pondo a cidade em alvoroço.

Outro facto veio tambem dar que fallar n'esta aldeia á «beira mar plantada» e foi o da demissão do commissario sr. Pedroso de Lima, demissão proposta pelo sr. governador civil, em consequencia de algumas irregularidades commettidas por aquelle funcionario, e que se apuraram da syndicancia a que se procedeu.

Este facto de uma importancia secundaria, visto tratar se de um funcionario de confiança que deixou de merecer essa confiança dos seus superiores, deu bastante que fallar, e uma folha republicana até deitou supplemento á ultima hora como se se tratasse de algum novo *ultimatum*.

Não tinham ainda repousado os espiritos d'aquella forte sensação n'um prolongado *ah!* e outra vem provocar um estrondoso *oh!*

Foi a reforma da policia de Lisboa, decretada em dictadura pelo sr. ministro do reino.

O *oh!* d'esta reforma promete prolongar-se até que venha alguma coisa que faça saltar um *ih!*

Como previmos na nossa ultima revista, a reforma da policia agradou a uns e desagradou a outros.

A base principal d'essa reforma é a divisão dos serviços policiaes em tres secções distinctas: a policia judiciaria, a policia administrativa, e a policia de segurança publica. Cada uma d'estas secções tem seu chefe independente, tendo a judiciaria por chefe um juiz, o sr. dr. Veiga, a de segurança por commandante um militar, o sr. major Sarmento, e a administrativa, o sr. Moraes Sarmento antigo commissario geral.

A hora a que escrevemos esta revista, quando o *Diario do Governo*, acaba de publicar o decreto da reforma da policia, não nos permite entrar na sua analyse.

Ficará para a outra vez.

João Verdades.

## NECROLOGIO



DR. OLIVEIRA VALLE

(Fallecido em 25 de julho de 1893)

«No dr. Oliveira Valle perdeu-se um dos nossos mais illustres causidicos, um dos nossos mais competentes juriconsultos, ao mesmo passo que um academico dos mais distinctos, um palestrador dos mais vivaces, um escriptor dos mais primorosos, uma alma das mais abertas, superior e liberal.»

Assim, se exprimia, um seu biographo, e ao que nós simplesmente accrescentaremos a lista das suas obras, que são a synthese mais perfeita e evidente de que devemos usar.

Na *Exposição de Trabalhos Juridicos*, que actualmente se abriu no Rio de Janeiro, o illustre advogado enviara trez grossos volumes encadernados, contendo o primeiro: cinco protestos. O segundo contendo as seguintes publicações:

*Um crime serodio no Juizo de Estremoz. Um romance no tribunal de Estremoz. Consignação em deposito. Questões de Direito Civil. Embargos ao accordão de Parne n.º 16:179. Agravo n.º 269 1.ª resposta da condessa da Junqueira. Questão de simulação de contracto. Recurso de revista 10:731. Agravo n.º 20:846. Um escandalo — Os filhos contra o pae. A verdade sobre o Testamento de D. Candida Guilhermina Duarte. Memorial de José Antonio Rodrigues. Allegação a favor de Alfredo de Souza Calheiros. Supremo tribunal de Justiça 5.20:496.*

O terceiro volume constava de theses — *Dissertação inaugural.*

Enviara tambem este estremo trabalhador mais os seguintes doze folhetos:

*Seguro marítimo. Eu e a Huelva. Questões forenses — O jogo do empurra. Um crime inventado. Pilatos no Credo — Teratologia de um processo. Aqui d'El-Rei. Memorial de Francisco Limpo de Lacerda Ravasco. O Leão e o mosquito. Agravo n.º 22.935. Supplica ao Rei para extincção de pena. Reclamação aos juizes do tribunal administrativo de Lisboa. Carta do conselheiro Carlos José d'Oliveira.*

Além d'estes importantissimos trabalhos enviados ao Brazil, publicou:

*«Pyrrro de Becca — Agravo Crime de Pedro Angelo Calleya.* Foi este o ultimo trabalho publicado.

O Dr. Oliveira Valle possuia duas feições caracteristicas: como *bon vivant*: primeira, a de gastronomo emerito já no sentido de apreciador, já na confeição de diversos acepipes, de tal sabor, que

parecem terem dado origem áquelles versos d'um golutão conhecido:

não são productos vis, da arte culinaria, são confeições celestes, são papos d'anjos.

Outra feição, era a do original modo de vestir sempre luxuoso, ás vezes sedas, amoldado á moda, garrido como o seu pensamento, fulgente e colorido como o seu fallar persuasivo e captivante.

Na madrugada do dia 25 de julho passado, falleceu o dr. Joaquim José Maria de Oliveira Valle. Este illustre advogado soffria ha muito de uma lesão cardiaca, poucos dias antes da sua morte fora acommettido de uma congestão que a sciencia a principio julgou ter dominado. Um subito agravamento decidiu da vida d'aquelle talento superior...

Nascera na Granja, termo de Moura, districto de Evora, em 22 de novembro de 1835. Era filho do sr. José Ignacio d'Oliveira Valle e da s.ª D. Maria Carlota de Castro de Oliveira Valle. Os seus primeiros estudos foram dirigidos por seu tio frei Ignacio de Oliveira Marreca, cavalleiro professo em Aviz, a quem deveu tantos cuidados como se fora seu segundo pae.

Matriculou se na Universidade de Coimbra no anno lectivo de 1860-1861, seguindo com a maior distincção o curso de direito. Formou se em 1865 e recebeu o grande doutor em 1867, sendo seu padrinho o sr. Conde de Casal Ribeiro.

Era socio effectivo do Instituto de Coimbra, da Associação dos Advogados, da Sociedade de Geographia, da Sociedade de Socorros dos operarios Fabricantes do Porto, da Associação dos Artistas de Coimbra, etc.

Era commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.



FRANCISCO GONÇALVES LOPES

(Fallecido em 18 de Agosto de 1893)

Mais um honrado patriota e infatigavel trabalhador desapareceu de entre os vivos.

Era o decano dos typographos e dos editores, pelo menos não conhecemos no nosso paiz nenhum mais velho do que Gonçalves Lopes, n'este labutar da imprensa.

O mesmo podemos dizer com respeito ao apostolo da associação.

Em o nosso collega *Commercio de Portugal* encontramos uma noticia a respeito de Gonçalves Lopes, que resume em poucas palavras a vida d'este benemerito cidadão, e diz, melhor do que aqui o podiamos fazer, quem elle era e qual a sua obra Seja-nos permittida a transcripção:

«Luctador estremo pelo bem e pela instrucção deixa de si memoria respeitavel. Foi companheiro incansavel de Vieira da Silva, de Silva e Albuquerque, de Eduardo Coelho e de outros não menos benemeritos na implantação do principio associativo em Portugal. O soccorro mutuo, e a propaganda desinteressada da instrucção entre as classes operarias foi durante toda a vida a bandeira d'este trabalhador do bem.

O velho Lopes foi o primeiro que editou em Portugal as obras de Victor Hugo, a cuja memoria votava culto illimitado. Assistimos ha annos no Brazil (S. Paulo) a uma festa commemorativa da morte de Victor Hugo feita por uma associação

popular da colonia franceza; na ornamentação da sala figuravam nomes de muitas nacionalidades, de divulgadores dos trabalhos litterarios do glorioso poeta: entre esses só havia um nome portuguez — o de Gonçalves Lopes.

Foi tambem o fundador do primeiro jornal critico, exclusivamente de caricaturas, que appareceu em Lisboa, o *Jornal para rir*, desenhado por Nogueira da Silva, e collaborado por Castiho, Mendes Leal, Latino, Rodrigues Cordeiro, J. C. Machado, e outros d'esse tempo. Editor do *A. mo-deu* por conta alheia, um dia em que soube q'sue a redacção se prestava a um caso de *chantage*, sem que alguém o esperasse, Gonçalves Lopes, sabendo-o á ultima hora fez apparecer á frente do jornal em grossos caracteres, uma declaração de que fôra illudido e não prestava o seu nome a actos menos dignos. Este proceder define bem o caracter do fallecido.

Presidente reeleito por muitas vezes em varias associações, como a *Typographica*, a dos *Artistas Lisbonenses*, *Centro promotor das classes laboriosas*, etc., foi tambem um dos fundadores do *Asylo dos Invalidos do trabalho*. Na occasião da invasão da febre amarella, sendo presidente da *Associação dos Artistas*, foi grande a folha dos serviços que prestou, sendo-lhe por isso conferido por el-rei D. Pedro V. o habito da Torre e Espada, bem como a medalha de serviços. Essas distincções nunca o modesto artista quiz ostental-as; guardava-as sim religiosamente, dispondo que por sua morte fossem collocadas na sala da *Associação*, a quem pertenciam de direito, dizia elle.

Gonçalves Lopes na sua qualidade de editor, e de influente em associações privou com todas as notabilidades scientificas e litterarias da geração passada, sempre querido e estimado de quantos a elle se acercavam e buscavam gostosamente o seu convivio sempre affavel, alegre e prompto a servir.

Ligado ha muitos annos ao partido republicano, era um crente platonico, prégando a cordura e a moderação aos novos, e censurando do coração tudo quanto fossem excessos e leviandades. A morte de Elias Garcia, amigo dedicado a quem do coração viveu ligado por longos annos, impressionou profundamente o espirito do velho Lopes, e desde então o seu estado physico e moral decahiu sensivelmente, possuindo-se de profunda tristeza, que desgostos de familia, mortes de pessoas queridas, vieram exarcerbar.

Finou se aos 71 annos de vida pobre e sem mancha, trabalhando sempre para os outros e julgando se feliz em ser prestavel a quantos d'elle se aproximavam.

Duas paixões sobrelevavam a todos os sentimentos na sua alma pura: o amor excessivo pelas flores e pelas aves, chegando a isolar-se emprehendendo longinquos passeios solitarios, unicamente para se deliciar escutando durante longas horas o canto dos rouxinões. Espirito que se comprazia em gosos tão simples não poderia nunca dar abrigo a sentimentos maus.

Um seu biographo, no *Diario Illustrado* lembra á classe typographica o promover uma subscripção para levantar um modesto tumulo a quem tantos serviços lhe prestou, e que por morrer pobre, mas honrado, apenas deixou os recursos de o sepultarem n'uma cova, no cemiterio dos Prazeres.

Nós achamos boa a lembrança e não recusaremos o nosso modesto concurso para tão justo fim.

## Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1894

Já entraram no prelo as primeiras folhas d'este almanach

Recebem se annuncios até 31 d'este mez, na

Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

## Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.  
Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.